

ARTE E LINGUAGEM I.

Tópico 7

ARTE . VISUAL . ENSINO
Ambiente Virtual de Aprendizagem

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo

**1. Consolidação das Vertentes
teóricas dedicadas ao conhecimento
da Arte Visual.**



Cursos de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

ARTE
VISUAL
ensino

THEORIA, do grego, se refere ao conjunto organizado de dados ou princípios que servem à explicação de diferentes fenômenos. Tais fenômenos podem ocorrer na natureza ou na cultura e dentro da cultura, em cada uma de suas manifestações, quer seja na sociedade em geral, na ciência ou na Arte. Portanto, as teorias podem assumir diferentes abordagens, características, perfis, recortes, condutas ou ideologias. No contexto da arte pode-se dizer que há muitas abordagens que tendem ser consideradas como Teorias. Tais Teorias podem ser próprias do contexto da Arte, apropriadas ou associadas ao seu conhecimento.

A *theoria* indica: contemplação, reflexão, introspecção, na linguagem comum se refere a uma ideia nascida com base em alguma hipótese, conjectura, especulação ou suposição, mesmo abstrata, sobre a realidade. Também designa conhecimento descritivo puramente racional ou um modo de pensar e entender algum fenômeno a partir da observação, ou seja, teoria pode significar a especulação sobre algo a ponto de transformá-lo em conhecimento. Estes são vieses que podem ser adotados como base para refletir sobre as Teorias no campo da Arte Visual.

Muitos autores se dedicaram às questões teóricas sobre Arte Visual, seja por meio da observação, da apreciação, da análise, da crítica, enfim foram e são tantos os modos e meios para abordar as manifestações artísticas segundo algumas vertentes que têm sobressaído nos recortes dos autores aqui arrolados. É esta a linha de raciocínio adotada para escolha dos dados e informações e reflexões aqui apontadas.

Aqueles que apreciam as manifestações artísticas tendem a estabelecer relações entre o que está posto e o que é possível inferir, deduzir, projetar e entender do processo por meio do qual a Obra foi instaurada para produzir sentido ou significação. Isto motiva os estudos para abordar as manifestações artísticas para explica-las para si e para os outros. Enfim são muitas as possibilidades que emergem de todas elas.

Para isto vou recorrer a alguns títulos e autores que tomaram o tema das Teorias da Arte como um recurso organizar o pensamento em torno das abordagens sobre as manifestações artísticas, ora sobre a produção de artistas, ora sobre o conjunto de obras de um período, ora sobre as razões subjacentes, teóricas ou estéticas, que ampararam a Arte desde seus primeiros momentos. Como professor no campo da Arte Visual me sinto sempre na obrigação de sedimentar o caminho para os estudantes trilharem com menos acidentes, marcando-o com referências que os auxiliem a percorrê-lo.

Como disse inicialmente, considero o conceito de Teoria bem aberto no intuito de incluir várias vertentes de pesquisa, estudo e reflexões sobre a Arte Visual. Assim vou falar a partir de alguns textos e autores que se preocuparam em facilitar o entendimento deste campo. É difícil compreender Arte apenas com o que está disponível no contexto social e midiático contemporâneo. Acredito que isto aconteça com todas as áreas. Sem um aporte teórico e educacional mínimo é, praticamente impossível conhecer ou reconhecer as várias ciências como também as estratégias propositivas da Arte Visual contemporânea.

No livro “Guia de História da Arte”, Giulio Carlo Argan e Maurizio Fagiolo, se dedicam às questões gerais da História da Arte e apontam, entre outras coisas, algumas das vertentes teóricas das manifestações artísticas. O livro se apresenta como uma espécie de manual de estudos. Trata das questões das teorias quando aborda as Metodologias de abordagem da História da Arte ou das manifestações artísticas. Distingue algumas: a Formalista, a Sociológica, a Iconológica, e a Semiológica ou Estruturalista, no fundo, todas se referem aos aportes teóricos sobre Arte Visual como estratégias de conhecimento.

Jean-Luc Chalumeau, historiador da Arte, delimita cinco grandes famílias de teorias da arte: a Fenomenológica, a Psicológica, Sociológica, Formalista e Estruturalista. Troca a Iconológica de Argan pela Psicológica. De certo modo ambos colocam linhas de pensamento por meio dos quais é possível amparar o pensamento ou as reflexões sobre a produção artística ou a História da Arte. Neste sentido as Teorias acabam sendo os caminhos para chegar a algum lugar, portanto, pode-se pensar que tanto a própria Filosofia como pensamento fundador ou a História como método de abordagem, são bases teóricas.

Harold Osborn que, juntamente com Herbert Read, fundaram a British Society of Aesthetics em julho de 1960, uma das principais organizações internacionais dedicadas à promover a pesquisa e difusão sobre Arte. Foi também editor do *The British Journal of Aesthetics* de 1960 a 1977. Diz que há certas tendências ou interesses que sempre ordenam os caminhos teóricos: um deles seria o pragmático ou *instrumentalista*; outro caminho seria o do espelhamento ou *naturalista*; e outro ainda o da estética ou *formalista*. Estes seriam para Osborn, os três campos teóricos possíveis.

Mais recentemente, Anne Cauquelin, artista e escritora, faz um apanhado das teorias recentes e propõe categorias como fez Osborn. Fala se um primeiro momento das reflexões sobre arte como *Teorias da Fundação* partindo da base filosófica grega e seus desdobramentos; continua pelas *Teorias Injuntivas* como o desenvolvimento crítico das teorias fundantes; aborda as *Teorias de Acompanhamento* pela hermenêutica e semiologia; depois fala das *Práticas Teorizadas*, ou seja, os modos pelos quais a produção artística influencia sua apreciação, reflexões e crítica.

Uma linha teórica que percebo estar presente nas pesquisas e produção de conhecimento, desde Herbert Read, é a Educacional. Considerando que parece ser cada vez mais evidente que a pesquisa *sobre Arte e em Arte*, depende de uma cobertura institucional menos contaminada pelo mercado, neste sentido, a opção mais viável tem sido o da Academia, nas Universidades. O campo do Ensino, hoje em dia, tende a contemplar tanto a formação pedagógica quanto para a pesquisa e produção artística, portanto tem sido o lugar preferencial para manter a Arte como um campo do conhecimento humano.

Lev Vygotsky defende a psicologia como teoria da Arte. Entende que as obras de arte são compostas de signos, criados com o intuito de gerar emoções estéticas. Para ele este aspecto da obra de arte significa que a Arte, além de conter sentidos, também atua psicologicamente sobre os indivíduos. Portanto, pode provocar novas organizações do psiquismo na medida em que, como instrumento da cultura, provoca novas generalizações entre forma e conteúdo. Para compreendê-la é necessária uma relação dialética entre pensamento, razão e emoção.

No relacionamento entre a Arte e a Educação, além de Read, pode-se destacar Victor Lowenfeld, Rudolf Arnheim, Huizinga, Langer, Jean Piaget, John Dewey, Mc Millan e mais recentemente estudiosos como Fernando Hernandez e Michael J. Parsons.

No Brasil Augusto Rodrigues, Noêmia Varella, Ana Mae Barbosa entre outros.

Não faltam teorias e abordagens para subsidiar as pesquisas e os trabalhos no campo da Arte Visual. O que importa é definir o percurso teórico/conceitual que se quer trilhar para dar estabilidade e validade para seus estudos.

Para concluir esta questão pode-se dizer que os estudos dedicados à Arte Visual recorre a vários campos de conhecimento e não só àqueles que tradicionalmente a atendem. A História que se dedica ao percurso cronológico das manifestações artísticas; a Filosofia e depois a Estética que busca as razões primeiras das manifestações artísticas; Arqueologia que revela características das realizações humanas; a Antropologia que observa o desenvolvimento humano; a Etnografia que relaciona questões da etnia à produção artística; a psicologia que busca as razões individuais e subjetivas. Enfim todas as áreas que de um modo ou de outro contribuem para conhecer melhor a Arte e o ser humano.

***2. A Crítica como meio de
compreensão da Arte Visual***

A palavra **Crítica** tem origem no grego *Kritiké* e se desdobra no latim como *Criticus/Critica*. A ideia da Crítica de Arte parte de, pelo menos, dois pressupostos: um que se refere às habilidades de quem critica como a apreciação, exame, análise, valoração e veredicto ou julgamento; outro se refere às ideias de isenção e objetividade, à ausência de preferências e gostos pessoais. A partir de então é possível atribuir **valor** às obras produzidas de acordo com o contexto do qual elas resultam.

Neste sentido a Crítica em Arte Visual deve ocorrer de acordo com critérios técnicos, estéticos e conceituais que respeitem artistas, ambiente, época e as tendências manifestas por meio das configurações que determinaram e determinam as Obras de Arte. Deve-se considerar que as obras surgem em períodos, lugares e núcleos humanos diferentes, logo não serão iguais em relação à aparência, características, funções ou finalidades, portanto, conteúdos, significados e sentidos também variam.

O posicionamento Crítico deve tentar eliminar ao máximo as preferências pessoais, superar prejulgamentos e evitar, especialmente, atitudes preconceituosas, arrogantes e como “eu Gosto” ou “ eu Não Gosto”. Gostar ou não gostar de algo não significa que todas as pessoas acatem a mesma posição, gosto é pessoal e intransferível, logo, o que mobiliza o interesse e prazer de alguém nem sempre mobiliza o de outrem.

Embora o conceito de Gosto tenha sido um referencial no contexto das discussões estéticas e até de julgamento no contexto das Obras de Arte Visual, não permaneceu por muito tempo pois não há como conceber um padrão atávico de Gosto Universal que contemple a todas as pessoas independente de formação educacional, cultural, vivência e conhecimento de Arte. Gosto não é parâmetro é opinião.

A ideia de Crítica pressupõe também a alteridade, ou seja, a aproximação com o trabalho alheio. Independente de quem, quando, como a Obra de Arte foi realizada é necessário abordá-la analiticamente. Olhá-la sob a ótica do escrutínio, examinando com atenção os detalhes e minúcias, para perceber, descobrir e conhecer. Neste sentido, a Crítica é um trabalho analítico e não opinativo ou intuitivo.

Não se pode pensar na crítica como regra ou régua no sentido de estabelecer modelos nos quais as Obras de Arte podem ou devem se encaixar, mas, em primeiro lugar, no processo de análise que leve à compreensão das manifestações artísticas e, em segundo lugar, na difusão e compartilhamento do conhecimento obtido. A Crítica, como o ensino, a pesquisa e a extensão, como disciplina acadêmica, deve cumprir as mesmas metas, ou seja, mediar o conhecimento.

Os domínios cognitivos necessários para o exercício Crítico em Arte Visual são conhecimentos gerais e específicos desta área que compreendem a História da Arte, a Estética e princípios teóricos do pensar e do fazer artístico em relação aos aspectos socioculturais, teóricos e conceituais. Sem isto é provável que as análises e pareceres críticos fiquem limitados ao gosto pessoal ou preconceitos rudimentares que podem comprometer avaliações e mesmo a validação ou julgamento de certas obras de Arte.

Há uma tendência no senso comum de que criticar é apontar aspectos negativos, pejorativos ou restritivos à manifestação artística, no entanto é necessário esclarecer que uma avaliação crítica deve ter caráter objetivo e procurar, por meio de análises criteriosas, esclarecer, explicitar, explicar e difundir o pensamento sobre e em Arte expandindo o conhecimento nesta área. Neste caso a crítica pode abordar aspectos positivos ou negativos, mas não determinar *à priori* que se trata de uma análise cujo fim é rastrear defeitos.

A crítica “mal humorada” ou “dona da verdade” não faz bem ao conhecimento sobre e em Arte, pelo contrário, instaura preconceitos e antagonismo aos processos de criação e difusão artísticos. A inserção da Crítica de Arte como disciplina acadêmica tem por finalidade clarear e esclarecer o contexto da crítica, que se pode chamar de Analítica, no sentido de recorrer à competências cognitivas como capacidade de observação, análise, reflexão e raciocínio para a obtenção de uma conclusão, visão ou consciência sobre algo e não apenas uma opinião ou parecer superficial.

O que se nomeia de **Crítica Analítica** é um processo de pensamento destinado a organizar o percurso de abordagem destinado a promover a aproximação com Obras de Arte Visual. Consiste em analisar os diferentes elementos constitutivos tanto das Obras de Arte quanto das condições socioculturais nas quais emergem. Neste sentido há necessidade de observar tanto os fatores formais, estéticos e conceituais de tais manifestações, quanto seus aspectos socioculturais. Assim é possível estabelecer critérios mais precisos eliminando posturas opinativas ou personalistas.

Portanto, buscar o desenvolvimento do que se pode chamar de Crítica Analítica não corresponde ao discurso crítico tradicional praticado como interpretação ou descrição à vista de Obras de Arte em busca de qualidades e defeitos, enaltecendo ou denegrindo obras ou artistas, mas se caracteriza por meio de análises dedicadas a esmiuçar as obras tomando por base seus modos e meios de manifestação e como se apresentam à apreciação pública, sejam do passado ou atuais.

O objetivo da crítica é compreender as manifestações artísticas. A partir da compreensão se atinge o conhecimento e é este conhecimento que pode ser difundido e compartilhado com a sociedade para consolidar pensamento sobre Arte no contexto cultural. A crítica também é um caminho para consolidação da identidade humana. Ao longo do tempo vários povos e nações construíram obras, objetos, monumentos como palácios, templos e túmulos, tudo destinado a consolidar sua estrutura social e esta produção é o motivo de sua existência.

Nas últimas décadas o distanciamento da Crítica do público tem sido uma constante. Os veículos de comunicação, como jornais e revistas, que antes mantinham seções culturais sobre a Arte em geral, foram deixando de prestigiar esta área e restringindo-a apenas a alguns momentos específicos ou que demandavam publicidade. Com isto o ambiente público da crítica foi sendo extinto. Paralelamente, a migração da formação artística para as instituições de Ensino Superior, conduziu o fazer e o pensar da Arte para as academias.

Contemporaneamente a formação artística e a produção teórica em Arte Visual, por exemplo, é realizada em cursos superiores, bem como a produção de textos teóricos sobre ela. Um problema acarretado por conta desta migração é a restrição de tais textos ao ambiente acadêmico e seu conseqüente afastamento do público em geral. Acrescente a isto as dificuldades de promoção do ensino e acesso ao fazer e pensamento artístico nos níveis fundamental e médio de Ensino. O que se vê é o esvaziamento da Crítica em nível social e cultural.

Do mesmo modo que a Estética se consolidou como uma disciplina especializada para a construção do pensamento artístico, a Crítica também evoca esta distinção. Em certos momentos admitiu ser parte especializada da Literatura, mas aos poucos tomou consciência que não se dedicava apenas a uma vertente do campo expressivo, mas tinha por objeto todos os campos das manifestações artísticas, independente das modalidades expressivas em que ocorressem. Esta foi a tomada de consciência crítica.

A autonomia e especialização da Crítica requer também, como em outras áreas do conhecimento, teorias, terminologia e métodos. Enquanto a Estética se dedica às essências, conteúdos, sentidos e significações internas (por assim dizer) das Obras de Arte, a Crítica se dedica às constatações externas, aspectos relativos à sintonia, validade, valoração e pareceres sobre elas. São duas faces da mesma moeda, uma depende da outra e ambas dependem das teorias construídas sobre a Arte ao longo do tempo.

Historicamente, foi a partir do século XVIII, que a Crítica, como a Estética, se tornaram áreas autônomas de conhecimento. A partir de então pensar e analisar as manifestações artísticas requerem tais especializações. Enquanto a Estética se dedica às razões internas ou próprias das Obras de Arte, a Crítica se dedica aos efeitos externos das Obras de Arte tanto em relação ao conhecimento, ao público, à apreciação e à consolidação e validade da produção artística no seu tempo.

Pode-se dizer que, a partir do momento em que a Arte Visual se tornou um campo autônomo, passou a requerer abordagens especializadas e também autônomas para aproximação, apreensão, análise e conhecimento. Assim Obras de Arte, Estética e Crítica são como irmãs siamesas, não se separam. Mesmo que as áreas de produção, realização e estudos sejam distintas, seus objetos são um só: as Obras de Arte. Esta é a conclusão óbvia a qual se chega quando se observa este campo de conhecimento.

Se a Estética é uma área de *Descoberta*, a Crítica é uma área de *Mediação* e não um “selo de qualidade”, distinção ou valorização de Obras de Arte. É esta a ótica que orienta esta disciplina.

Considerar a existência de um campo nomeado de Arte e Linguagem pressupõe identificar os campos e instrumentos necessários à elaboração de conhecimentos pertinentes a esta área e, sem dúvida alguma a História, as Teorias como a Estética e Crítica são essenciais para a construir ou se apropriar destes conhecimentos.

Cabe à Crítica “constatar” o “Estado de Arte”, ou seja, se e *como* as manifestações artísticas contemporâneas se enquadram no contexto artístico-cultural. Cabe a ela analisar, distinguir, comparar, aferir, perceber e até mesmo intuir *como* o que se manifesta neste campo dialoga com o amplo contexto da Arte e se constitui como representante deste contexto no tempo atual. É a Crítica que tem, como uma de suas responsabilidades, validar as manifestações conferindo-lhes a condição de Arte na relação histórico/contextual.

Giulio Carlo Argan, vai distinguir em seu livro *Arte e Crítica de Arte*, a Crítica da Forma; a Crítica da Imagem; A crítica das Motivações e a Crítica dos Signos, tendências que identifica no seu percurso de leitura do fazer crítico. É importante entender que as transformações que ocorrem nas manifestações artísticas implicam em transformações Históricas, Estéticas, Conceituais e Críticas. Cada tempo e lugar tem suas próprias concepções socioculturais, portanto, é necessário realizar recortes, escolhas e percursos.

Grande parte dos teóricos que se dedicaram à História e à Estética, também se dedicaram a análises críticas, ou seja, ora olhar para a configuração da Obra de Arte, ora olham para seus efeitos socioculturais. Neste aspecto, pode-se recorrer a tais estudiosos para abordar um ou outro campo. Theodor Adorno desenvolve um extenso trabalho à respeito da Estética no livro *Teoria Estética*. Lionello Venturi, dedica um livro a análise da Crítica em *História da Crítica de Arte*. Vale recorrer a eles para complementar os estudos nesta área de conhecimento.

Atividades

Leituras Indicadas pela bibliografia da disciplina e disponível na Biblioteca central.

Leitura de textos Disponíveis em TEXTOS:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos>

Leitura da Revista Reflexões sobre Arte Visual, disponível em:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

TICs

MULTIMÍDIA - com vídeos, tutoriais e podcasts:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php>

Audição do Podcast Reflexões sobre Arte Visual, disponível em:

<https://podcasters.spotify.com/pod/show/isaac-antonio-camargo>

Questões para reforço didático e avaliação do tópico 7, subtópicos 1 e 2:

1. O que é Teoria e para que serve?
2. Cite as teorias de Argan.
3. O que é “Crítica” e qual sua condução na Arte Visual?
4. Quais os domínios cognitivos necessários para o exercício crítico?
5. No que consiste a “Crítica Analítica”?